



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ALEX PEREIRA DO NASCIMENTO

MEMÓRIA E IDENTIDADE EM *DOIS IRMÃOS* DE MILTON HATOUM

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2019

ALEX PEREIRA DO NASCIMENTO

MEMÓRIA E IDENTIDADE EM *DOIS IRMÃOS* DE MILTON HATOUM

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba como um dos requisitos para a obtenção do título de graduado em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes.

Catolé do Rocha – PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244m Nascimento, Alex Pereira do.
Memória e identidade em Dois irmãos de Milton Hatoum [manuscrito] / Alex Pereira do Nascimento. - 2019.
45 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2019.
"Orientação : Prof. Me. Maria Fernandes de Andrade Praxedes, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."
1. Dois irmãos. 2. Memória. 3. Identidade. 4. Família. 5. Conflito. I. Título

21. ed. CDD 401.41

ALEX PEREIRA DO NASCIMENTO

MEMÓRIA E IDENTIDADE EM *DOIS IRMÃOS* DE MILTON HATOUM

Aprovado em: 13/06/2019.

BANCA EXAMINADORA

Maria Fernandes de A. Praxedes

Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
Orientadora - UEPB

Ana Maria Carneiro Almeida Diniz

Profa. Ma. Ana Maria Carneiro de Almeida Diniz
Examinadora - UEPB

Ana Paula Lima Carneiro

Profa. Ma. Ana Paula Lima Carneiro
Examinadora - UEPB

À minha avó, Maurina, por ser uma pessoa de luz em minha vida. À minha mãe, Lurdinha, que mesmo não estando mais presente fisicamente, é uma presença constante em meu coração. Aos meus irmãos, por todas as palavras que fortalecem a caminhada. Aos meus amigos, por todo carinho e amor que depositaram em mim.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela proteção e por todas as coisas que já conquistei até aqui.

À minha família, que é a base de tudo em minha vida.

À minha orientadora, Maria Fernandes de Andrade Praxedes, por todas as vezes que auxiliou para que esse trabalho fosse concluído, e por ser uma professora tão presente em minha caminhada.

Aos meus amigos, que sempre estão comigo: Bruno, Luana, Margareth, Priscila, e Saionara, vocês são luz na minha vida.

Aos professores do Campus IV – UEPB, que estiveram comigo durante todo o percurso acadêmico.

À Ana Maria e Eliene, por me proporcionarem uma experiência única, que jamais vou esquecer: meu eterno PIBID!

Ao Wesley, meu eterno colega com o qual convivi desde o primeiro período como um grande irmão.

À Janine, minha querida amiga, que se fez presente ao meu lado em todos os momentos dessa fase.

À Aylaneide, que me mostrou grandes nomes da literatura e tornou a experiência acadêmica bem melhor.

À Carol, que me mostrou que sempre há uma luz no fim do túnel.

Ao Ramires, por todas as palavras de fé e esperança.

À Magda, que compartilha uma história de vida quase igual a minha.

E aos demais colegas, que fizeram e fazem parte dessa conquista, meus sinceros agradecimentos!

Se uma coisa não está em nenhum lugar, ela não existe.

(Aristóteles)

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo discutir o antagonismo e a reminiscência no romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, publicado em 2000, destacando a memória e a identidade como elementos expressivos dentro da narrativa. O enredo é pontuado por inúmeros conflitos a partir da relação antagônica dos irmãos gêmeos, Omar e Yaqub, eixo motivador do drama da família de Halim e Zana. A rivalidade emerge como pano de fundo dentro da narrativa, que ganha visibilidade a partir das lembranças do narrador sobre os acontecimentos do passado da família libanesa. Para pensarmos a posição do narrador e todo o drama que envolve as personagens do romance de Milton Hatoum recorreremos aos pressupostos teóricos de Benjamin (1985), Candau (2011), Sarlo (2007), Pollak (1992), Lukács (2000), Hall (2011), Freud (1996), dentre outros. Esta pesquisa se justifica pela necessidade de compreendermos como se constituem as identidades do indivíduo pós-moderno, especialmente dentro de um núcleo familiar em extrema desordem. Desse modo, esperamos que essa pesquisa possa contribuir para os estudos literários sobre a obra hatouniana e a sua importância para se pensar a sociedade contemporânea, sobretudo as relações humanas.

Palavras – chave: Dois irmãos. Memória. Identidade. Família. Conflito.

ABSTRACT

The present research aimed to discuss antagonism and reminiscence in Milton Hatoum's novel *Dois Irmãos*, published in 2000, highlighting memory and identity as expressive elements within the narrative. The plot is punctuated by numerous conflicts from the antagonistic relationship of the twin brothers, Omar and Yaqub, motivating axis of the family drama of Halim and Zana. The rivalry emerges as a backdrop within the narrative, gaining visibility from the narrator's memories of the events of the Lebanese family's past. In order to think about the narrator's position and all the drama surrounding the characters of Milton Hatoum's novel, we have used the theoretical assumptions of Benjamin (1985), Candau (2011), Sarlo (2007), Pollak (1992), Lukács (2011), Freud (1996), among others. This research is justified by the need to understand how the identities of the postmodern individual are constituted, especially within a family nucleus in extreme disorder. Thus, we hope that this research can contribute to literary studies on the Hatounian work and its importance to think contemporary society, especially human relations.

Key words: Two brothers. Memory. Identity. Family. Conflict.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. AUTOR, NARRADOR E CONTEXTO.....	11
2.1 Narrativas de memória.....	15
2.2 As intenções de Nael.....	22
3. DOIS IRMÃOS E MUITOS DRAMAS.....	28
3.1 Dois irmãos e múltiplas identidades.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	43

1. INTRODUÇÃO

A literatura brasileira contemporânea, não muito diferente de outras manifestações artísticas, apresenta, além de seus aspectos estéticos, diferentes realidades sociais colhidas e transformadas em arte. Dentro dessa perspectiva, Milton Hatoum figura entre os autores atuais preocupados em revelar as sutilezas da vida em sociedade, especialmente quando se trata da convivência incompatível de pessoas do mesmo núcleo familiar como é o caso dos irmãos Omar e Yaqub, personagens do romance *Dois irmãos*, que nutrem um sentimento de ódio que desencadeia uma série de hostilidade, violência e degradação que atinge a todos da família.

Dito isto, nosso interesse pelo autor e, sobretudo pelo romance *Dois irmãos*, se deve a partir da seguinte indagação: como se explica o antagonismo da relação dos irmãos gêmeos na referida obra, considerando a identidade cultural e individual das personagens? Tomados por essa inquietação, o nosso objetivo foi discutir esse antagonismo e a reminiscência na obra de Milton Hatoum, atentando para o fato de que a memória surge como elemento expressivo para a configuração das identidades de cada personagem dentro da narrativa.

Do ponto de vista metodológico, este trabalho se insere nos moldes da pesquisa bibliográfica, pois foi feita uma revisão da literatura que trata dos assuntos abordados ao longo desse estudo. Cabe ressaltar que a fortuna crítica sobre a referida obra de Milton Hatoum já é considerada bem significativa, e como a obra *Dois irmãos* possibilita diferentes leituras sobre diferentes temas, desde a imigração, a violência, o amor, o ódio e até mesmo possíveis relações incestuosas, pensar a questão da identidade dos personagens a partir dos relatos de memórias do narrador parece ter uma relevância para os estudos literários sobre a obra de Milton Hatoum.

Assim, o trabalho está estruturado da seguinte forma: na primeira parte discorreremos sobre o autor, Milton Hatoum, trazendo um pouco de sua história enquanto escritor e situando-o no espaço-temporal de sua produção literária. Além disso, lançamos um olhar para o romance *Dois irmãos*, categorizando-o como uma narrativa de memória, uma vez que o narrador, que também faz parte da história, conta o drama da família libanesa a partir do que presenciou quando ainda era muito pequeno e do que ouvia das pessoas da casa, inclusive da própria mãe, que era empregada da família e, juntamente com ele, morava nos fundos da mesma casa dos irmãos gêmeos. Outra questão abordada ainda nessa primeira parte diz respeito às intenções do narrador, ou seja, o desejo de revelar o perfil de cada personagem, e também de evidenciar sua própria identidade.

A segunda parte do trabalho foi reservada à discussão sobre os dramas que povoam a narrativa *Dois irmãos*, cujos conflitos determinam os papéis de cada sujeito diante do sentimento de amor e de exclusão dentro do próprio núcleo familiar. E, por fim, discutimos sobre as múltiplas identidades das personagens, especialmente dos irmãos Omar e Yaqub. Isto posto, a questão central da análise da obra de Milton Hatoum é precisamente a construção da identidade a partir da narrativa de Nael, personagem também da trama, mas que se revela para o leitor somente na metade do romance.

2. AUTOR, NARRADOR E CONTEXTO

Milton Hatoum nasceu em Manaus, em 1952, descendente de libaneses, o autor dialoga com o passado e o presente para denunciar a conversão de valores morais, sociais, econômicos e políticos dos séculos XX e XXI, nos quais se atestam a falência de alguns princípios compactuados ao longo da história da humanidade. A singularidade com que escreve sobre a cidade de Manaus, os conflitos familiares, tecendo uma crítica meio modulada à ditadura militar, à crise moral, principalmente nas relações pessoais, conferem ao autor o título de um dos mais importantes escritores da literatura brasileira contemporânea.

A crítica literária reconhece, de algum modo, o caráter autobiográfico da obra do autor, pois há, além das memórias do lugar onde nasceu e viveu por muito tempo, aspectos diretamente relacionados ao contexto sociocultural do Oriente, evidenciando, assim, a história de sua família e, ao mesmo tempo, a situação dos imigrantes que fugiram das guerras e se instalaram no Brasil num período de profundas mudanças e desordem econômica e cultural, como foi o caso específico do estado do Amazonas no século XX.

Exímio relator de memórias, Milton Hatoum escreveu cinco romances: *Relato de um Certo Oriente* (1989), *Dois Irmão* (2000), *Cinzas do Norte* (2005), *Orfãos do El Dorado* (2008) e *A Noite de Espera* (2017), seu mais novo livro, todos traduzidos para diversas línguas. As obras de Hatoum traduzem experiências vividas pelo próprio autor e o contexto sócio/histórico/cultural da Amazônia e do Oriente, chamando atenção para a questão da identidade multiculturalista. É impossível não visualizar a Amazônia de outrora criada a partir da sensibilidade de quem se deteve a pesquisar e a escrever sobre o homem e os espaços físicos e simbólicos num período de profundas mudanças sociais no Brasil e no mundo.

Em *Dois Irmãos*, objeto de estudo deste trabalho, o narrador surge como o porta voz dos conflitos que envolvem a família de Halim, mas ele é, também, parte integrante de toda a história, seja como guardião das memórias ou como personagem da narrativa. Contudo, o narrador não se revela para o leitor de imediato, pois não se sabe quem é ele e nem o que faz. A narrativa começa a ganhar fôlego à medida que avançamos na leitura, pois o leitor desconfia de uma possível ligação familiar entre o narrador e alguém da casa, ou seja, a cada informação sobre a rotina da família e o comportamento da própria mãe, por isso “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada dos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes” (BENJAMIN, 1985, p. 201).

A trama também tem outras estórias interligadas, desde os conflitos correntes no lar de Zana, protagonizados pelos gêmeos Omar e Yakub, até os casos amorosos mais grotescos. Diante dessa mediação e confabulação de histórias de intrigas, dúvidas e certezas, é o narrador quem nos conduz às descobertas, inserindo-se paulatinamente nas intempéries daquele núcleo familiar. O narrador, de algum modo, provoca o leitor a ficar atento aos fatos narrados, embora tente se imiscuir de ser o responsável pela revelação de ser, possivelmente, filho de um dos gêmeos e, provavelmente, do mais rebelde e promíscuo dos filhos de Halim.

O narrador de *Dois irmãos* observa toda a rotina da casa, os passos das personagens e até a intimidade entre os membros da família. O lugar da mãe de Nael nessa história é, sobretudo, fornecer pistas para revelar quem é ele nessa intriga. Desconfortável com o fato de a mãe, empregada da casa de Zana, não reclamar seus direitos e aceitar emudecida as condições diante das reservas e segregação de direitos, resta ao narrador observar e gravar na memória cada palavra dita, cada gesto das pessoas da casa, num processo de rememoração entre um passado truncado que, aos poucos, é esclarecido. Importa, nessa busca de Nael, reconhecer-se como sujeito, e para isto é preciso juntar as peças de um quebra cabeça que envolve a sua identidade paterna.

Para compreender melhor o contexto da narrativa de *Dois irmãos* faz-se necessário situá-lo no contexto de produção, sobretudo no cenário mundial, cujos acontecimentos marcaram uma época de transição econômica, política, cultural e social. A década de 60 representou para o Brasil um período de medo, incertezas e rebeldias, foram momentos de profundas mudanças marcadas pela posse do presidente Jânio Quadros, além da crise econômica e a ditadura, após a queda do governo de João Goulart.

De 31 de março de 1964 até 1984, o golpe de estado se estabeleceu, e com isso surge o sonho das “Diretas Já” que não se concretizaram. A partir de 1964, conflitos e tensões marcam o Brasil, como a suspensão dos direitos políticos dos cidadãos, dissolução dos partidos políticos existentes assim como a criação de dois novos grupos: a Aliança Renovadora Nacional (Arena), que reuniu os governistas, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que reuniu as oposições consentidas.

A partir de 1968 o Brasil vive um momento de esperança, o sentimento de liberdade e ufanismo surge com o governo do general Castelo Branco, que pregava uma política expansionista e liberal. Com a chegada da industrialização e a modernização tecnológica ocorre uma urbanização desenfreada, e isso provoca a precarização das condições de vida das pessoas nas cidades, sobretudo nos grandes centros urbanos. Entre 1970 e 1980, as cidades cresceram de uma forma repentina e desordenada. Os grandes centros urbanos eram cenários

dos mais diversos movimentos sociais. A ditadura (1964 – 1984), que foi marcada pelo clima de censura e repressão, era uma afronta aos que não se submetiam a ideologia dominante. Ainda assim, a cultura brasileira não deixou de criar e se espalhar por todo o mundo.

O ano de 1968 também é marcado pelas contestações políticas, culturais e sociais por todo o mundo, como os protestos da classe estudantil que ganhou força no Brasil, mas o segundo governo militar, Costa e Silva, de 1967 a 1969, reagiu sem piedade às manifestações, amparado pelo ato Constitucional que previa o fechamento do Congresso Nacional por tempo indeterminado, cassação de mandatos, demissão ou aposento de qualquer funcionário público e censura. Depois desse momento, chega ao fim a Ditadura Militar que durou cerca de 21 anos. Em 1985 Tancredo Neves vence as eleições indiretas, mas morreu antes de assumir o cargo de Presidente do Brasil.

Durante boa parte do século XIX e metade do século XX, pode-se perceber que o Brasil é marcado por um berço de imigrantes que buscavam se estabilizar dentro de uma terra que já havia sido colônia, sobre isso, Said (2003, p. 47), afirma que essa época foi “com efeito a era do refugiado, da pessoa descolada, da migração em massa”. Não obstante a isso, a literatura contemporânea busca se encontrar nesse momento para trazer à tona a realidade e o percalço do sujeito em conflito consigo mesmo e com o outro. Nesse contexto, surgem manifestações a diferentes identidades culturais do Brasil e de outros países, como é o caso específico do objeto deste estudo, *Dois irmãos*, cujo pano de fundo mistura realidades brasileiras e libanesas.

Sayad (1997, p. 267), define que “todo imigrante é estrangeiro, mas nem todo estrangeiro é imigrante. [...] o imigrante abandona o país por uma necessidade econômica, [...] o estrangeiro está mais próximo do ser turista, [...] ele tem escolha de querer ou não morar naquela determina nação.” Um dos mais possíveis critérios para tamanha massa de imigração que era recebida no país se deve ao fato de que a cultura brasileira pretendia esclarecer sua população, e, por conseguinte, as políticas de incentivo aos imigrantes europeus. O Brasil recebeu o maior número de imigrantes libaneses, segundo dados do IBGE (2000), ficando apenas atrás dos EUA, Canadá e Argentina. Alguns motivos que levam a esse movimento estão relacionados às mudanças econômicas da região, já que os pequenos grupos de agricultores libaneses não conseguiam o crescimento populacional, nem atender as necessidades econômicas.

Por que escolher o Brasil como destino? Para toda essa discussão datada à migração libanesa, devemos nos ater a alguns motivos que justificam esse movimento. Primeiramente, era comum que as famílias não viessem com todos seus membros, já que parentes que

habitavam aqui há um tempo enviavam notícias de como seria viver no Brasil, uma terra que pregava o ideal de progresso, além de toda diversidade cultural, que já se fazia muito presente devido a grande extensão territorial do país. Imbuídas de sonhos, algumas famílias se dirigiam ao Brasil, ou as outras terras americanas em busca de uma melhor situação financeira e melhor qualidade de vida. Outro motivo seria a perseguição religiosa que acontecia pelos turcos durante o Império Otomano de fé islâmica, na qual as comunidades de Síria, Líbano e Egito eram perseguidas. Esse império englobou boa parte do Oriente Médio, surgindo no século XI, tendo como base o poderio militar que usava de sua força para dominar todos os territórios conquistados e implantar a sua fé muçulmana.

No início do século XX, grandes estados do Brasil passaram a ser o centro do fenômeno migratório, entre eles: Amazonas, São Paulo e Rio de Janeiro, e é no primeiro que Milton Hatoum ambienta o romance *Dois irmãos*, com características marcantes da cultura libanesa como, por exemplo, o trabalho mascate, que acaba se fixando nas regiões do Norte, Nordeste e Centro Oeste. No Amazonas, retratado pelo Hatoum, podemos conhecer a rotina das pessoas e o bairro da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios: “por ali circulavam carroças, um e outro carro, cascalheiros tocando triângulos de ferro; na calçada, cadeiras em meio círculo esperavam os moradores para a conversa do anoitecer” (HATOUM, 2000, p. 18). Essas imagens representam o cotidiano dos moradores de uma cidade ainda pacata, uma Amazonas de pessoas simples e cheia de sonhos. Com isso, os imigrantes, ou descendentes destes, carregavam consigo o desejo se dedicar ao comércio e ascender econômica e socialmente em terras manauaras.

No entanto, para os imigrantes, a prioridade não era se manter aqui para sempre, o plano era retornar à terra natal, ou seja, voltar ao Líbano, por isso havia a grande presença de homens solteiros nesse período, pois traziam consigo as tradições e crenças libanesas, cuja cultura era predominantemente representada pela figura do homem como base da família. Kemel (2000, p. 47-48) afirma que “o núcleo catalisador da família tradicional libanesa é homem, na figura do marido e pai; enquanto que a mulher teria como função cuidar dos deveres domésticos, a transmissão da crença religiosa, costumes e uma atenção maior na educação dos filhos”. Uma das grandes preocupações das famílias libanesas na nova terra era perder o contato com seus antepassados. Diante disso, era função exclusiva da mulher transmitir todos esses valores que os ligavam à sua terra natal.

Contudo, Galvão (1998, p. 200) ressalta que “a literatura brasileira contemporânea deixa de representar o estrangeiro como aquele que só passa pelo país, mas representa-o como indivíduo que aqui chega e fica, como de forma permanente”. Diante disso, a busca por uma

boa estabilidade financeira ou até mesmo por causa da fuga das guerras no Oriente, o romance *Dois irmãos* segue um movimento de percurso do Líbano ao Brasil, uma vez que Zana e Halim nasceram no Líbano e chegaram às terras brasileiras quando crianças. Ela, aos seis anos de idade, veio com o pai, Galib, após a morte de sua mãe, saindo da cidade de Giblos, e Halim veio com o propósito de ser um mascate qualquer, como podemos perceber no excerto a seguir: “vim para o Brasil com um tio, Fidel. Eu tinha uns doze anos... Ele foi embora, desapareceu, me deixou sozinho num quarto da Pensão do Oriente [...]” (HATOUM, 2000, p. 135). A figura do mascate se sobrepõe a movimentos religiosos ou regionais, representando o mito do herói, do sucesso ou até mesmo da dedicação do trabalho e família.

2.1 Narrativa de memórias

Uma das características dos romances hatounianos é a presença de vozes que narram sobre si mesmo e o outro para poder entender e fazer-se entendido dentro do enredo, mas para isto precisam de alguém para ouvi-las. Todavia, o narrador, por ser a única voz que guia a história, é desprovido, muitas vezes, de confiança ao falar dos acontecimentos passados. As narrativas de Hatoum buscam reconstruir o passado, utilizando o mecanismo da memória como alicerce para legitimar a identidade perdida do narrador Nael. Subsumida ao conceito de representação, a memória se manifesta de diferentes formas. Sobre esse aspecto, Candau (2011, p. 20-21) classifica a memória em três categorias: “protomemória; memória de alto nível e metamemória”. A primeira é a memória dos saberes; a segunda, da recordação e do reconhecimento, e a última é a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória. Os três tipos são conceitos muito parecidos, mas mudam quando se trata dos interesses individuais.

A busca pela reconstrução do passado não é imune nem insociável ao esquecimento, pois se remete ao passado por meios de relatos das ações das personagens. No romance *Dois Irmãos* podemos perceber que a narrativa é guiada e estruturada por flashes memoriais, ou seja, pelas visões do passado em conexão com o foco narrativo, a linguagem, o tempo e o espaço. A memória surge como um paradoxo entre o lembrar e o esquecer, representando as perspectivas de um passado que não foi abolido, uma vez que o pretérito não se revoga, ele se mantém na memória. Sobre essa questão Sarlo lembra que:

As “visões do passado” são construções. Justamente porque o tempo passado não pode ser eliminado, e é um perseguidor que escraviza ou liberta, sua irrupção no presente é compreensível na medida em que seja organizado por

procedimentos da narrativa, e, através deles, por uma ideologia que evidencie um *continuum*¹ significativo e interpretável ao tempo. (SARLO, 2007, p. 12)

O retorno ao passado se dá na busca de respostas para o presente, uma vez que, de acordo com Sarlo (2007, p. 9), “o retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente”. Isso acontece quando o narrador, a voz que guia toda a narrativa de *Dois irmãos*, evoca todos as suas lembranças, sejam elas reais ou não, para que a sua memória seja valorizada de fato. Portanto, o romance acaba sendo o registro das experiências, um elo entre o coletivo e o individual das personagens e dos espaços habitados. Nesse sentido, Pollak (1992, p. 02) assegura que “a memória individual são os acontecimentos vividos de maneira isolada, enquanto que a memória coletiva são os acontecimentos vividos por tabela ou por um conjunto de pessoas”, e ainda acrescenta que:

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 5)

A questão é: se tudo isso é interligado, e a memória é parte essencial que compõe as representações de toda uma vida, por ventura ela acaba sendo falha já que está entre a lembrança e o esquecimento? A partir desse questionamento é possível inferir a compreensão de que a memória não é essencialmente subjetiva, nem objetiva, pois se considerarmos o conflito entre passado e presente, objetividade e subjetividade, as visões ideológicas estão muito mais ligadas às reminiscências como construtor do presente. Contudo, o narrador de *Dois irmãos* transita pelas certezas e incertezas, ora como testemunha ocular, ora como testemunha do ouvir falar. Neste caso, o discurso da memória conduzido por Nael passa a ser tangível de uma certa desconfiança, e isso causa, de algum modo, a subjetividade da narrativa, como defende Sarlo ao afirmar que:

O discurso da memória, transformado em testemunho, tem a ambição da autodefesa; quer persuadir o interlocutor presente e assegurar-se uma posição no futuro; justamente por isso também é atribuído a ele um efeito reparador da subjetividade. [...] tanto a atribuição de um sentido único à história como acumulação de detalhes produzem um modo realista romântico em que o sujeito que narra atribui sentidos a todo detalhe pelo próprio fato de que ele o inclui em seu relato. (SARLO, 2007, p. 51).

¹ Grifo nosso. Significa uma série de acontecimentos contínuos, ininterruptos.

Na obra em estudo, a memória vai e volta em diversos momentos causando um choque na atividade da rememoração, uma busca frenética de organizar o presente com as chaves do passado. Conforme pondera Sarlo (2007, p. 66): “a memória, como se disse, “coloniza” o passado e o organiza na base das concepções e emoções do presente”. Para que de fato ocorra essa colonização do passado é necessário que se abra o leque da subjetividade na qual o narrador traz a suas ideologias e concepções memoriais. A memória acaba, assim, tendo uma certa autenticidade, embora não seja passiva de total credibilidade, pois a narrativa acaba por libertar os impulsos de um sujeito que reconstrói a sua vida e a vida do outro a seu modo.

Uma das formas que o passado sobrevive nos dias de hoje é a fração de memórias que cada indivíduo pode ter ou trazer sobre determinados acontecimentos. Porém, devemos ressaltar que o exercício da memória está presente no cotidiano dos pensantes, assim como existe a necessidade de uma relação entre o que já se passou e o que pode acontecer. Por isso, Benjamin (1985), afirma que a memória está ligada ao esquecimento, uma vez que acontece uma desconexão entre o que se passou e o que está acontecendo, logo, passado e presente é, pois:

[...] um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. Num outro sentido, é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo de textura. Ou seja, a unidade do texto está apenas no *actus puru* da própria recordação, e não na pessoa do autor, e muito menos na ação. (BENJAMIN, 1985, p. 37).

Portanto, ao organizar os fatos que se ligam à memória, necessariamente não é certeza que os fatos tenham acontecido tal qual são narrados, já que ela (a memória) está organizada em episódios que possam ter algum significado no presente, passando do lembrar ao esquecer, e é o narrador quem tem a função de apresentar ao leitor as vozes do passado e construir a verossimilhança dos fatos presentes narrados. Ambas, memória e identidade, passam pela temporalidade, na qual o sujeito se forma através de suas vivências e se constrói nas mesmas. Nessa perspectiva, a identidade pode ser entendida como um processo de continuação da construção individual para a construção social do indivíduo. Sobre essa questão, Candau afirma que:

De fato, memória e identidade, se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente, desde o momento de sua emergência até sua inaceitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca

memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente. (CANDAUI, 2016, p. 19).

A narrativa de *Dois Irmãos* é marcada, ainda, por uma voz que busca reconstruir as imagens que, de alguma forma, foram esquecidas pelo tempo em uma casa onde a família foi totalmente destruída com o passar dos tempos, desde o nascimento dos gêmeos Omar e Yaqub. Nael, o narrador ágil e perspicaz, constrói sua narrativa evidenciando o sentimento saudosista da personagem Zana, a mãe dos gêmeos anteriormente citados:

Zana teve de deixar tudo: o bairro portuário de Manaus, a rua em declive sombreada por mangueiras centenárias, o lugar que para ela era quase tão vital a Biblos de sua infância: a pequena cidade no Líbano que ela recordava em voz alta, vagando pelos aposentos empoeirados até se perder no quintal, onde a copa da velha seringueira sombreava as palmeiras e o pomar cultivados por mais de meio século. [...] Zana me dizia sem olhar para mim, talvez sem sentir a minha presença, o rosto que fora tão belo agora sombrio, abatido [...] . Eu a procurei por todos os cantos e só fui encontrá-la ao anoitecer, deitada sobre folhas e palmas secas, o braço engessado sujo, cheio de titica de pássaros, o rosto inchado, a saia e anágua molhados de urina.[...] Eu não a vi morrer, eu não quis vê-la morrer. Mas alguns dias antes de sua morte, ela deitada na cama de uma clínica, soube que ergueu a cabeça e perguntou em árabe para que só a filha e a amiga quase centenária entendessem (e para que ela mesma não se traísse): “meus filhos já fizeram as pazes?” (HATOUM, 2000, p. 09-10)

É dessa forma que o romance se inicia, dando conta dos últimos dias de uma mulher forte diante dos conflitos e das perdas familiares, sobretudo em relação a saudade que sentia do filho caçula, o qual ela zelava com fervor e devoção. A referência à natureza emerge como uma metáfora, já que elementos como “mangueiras centenárias”, “velha seringueira” e o “pomar” representam uma ideia de resistência e fortaleza, assim como a personagem Zana é representada. Observa-se, contudo, que o narrador não obedece a linearidade dos fatos, mas os traz conforme necessita apresentá-los nessa busca de reconstruir-se. Para Candau isso deve ao fato de que:

O ato narrativo não se atém a um tempo abstrato expresso em divisões por dia, mês e ano; ele se estrutura em torno de indicadores temporais centrados sobre o narrador, quer se trate de contar o tempo a partir do momento no qual os fatos são produzidos ou tomar como referências os acontecimentos advindos da experiência pessoal. (CANDAUI, 2011, p. 92)

Através das memórias de Nael podemos constatar e até visualizar a cena da morte de Zana. Praticamente a casa fica em ruínas após a morte dessa personagem e a família fica totalmente desestruturada: “eu a procurei por todos os cantos e só fui encontrá-la ao anoitecer, deitada sobre flores e palmas secas, o braço engessado sujo, cheio de títica de pássaros, o rosto inchado a saia e anágua molhados de urina.” (HATOUM, 2000, p. 10). Percebe-se que Nael, aos poucos, vai reconstruindo sua história, juntando “fragmentos” importantes para nos apresentar a família dos gêmeos e sua relação com as pessoas da casa. O narrador e a mãe moravam em um quartinho dos fundos da casa grande, isso aponta para a diferença social entre eles e a família de Halim pontuada pelo espaço físico hierarquizado.

O narrador recorre às memórias do que lhe foi revelado pela mãe, na tentativa de conferir o realismo da história: “isso Domingas me contou. Mas muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante. Mas fui o observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final. (HATOUM, 2000, p. 23). Nael se apresenta como um sujeito inquieto e cheio de dúvidas em relação a sua identidade, não tem certeza de quem seria seu pai entre os três homens da casa de Zana, embora desconfiasse de um dos gêmeos. Domingas é a típica personagem plana, ou seja, ela é incompleta, e isso fica evidente quando ela fala ao filho das brigas entre os irmãos Omar e Yaqub, como se dissesse a Nael que aquilo era coisa de filhos de patrão, não havia como se meter nas intrigas da família libanesa.

A memória em *Dois irmãos* se desencadeia de forma oral, já que o narrador lembra de acontecimentos de quando era criança e de outros fatos que lhe foram revelados. Nesse sentido, experiências e relatos de terceiros servem de base para reconstruir a história e a identidade do possível neto de Halim. Sobre isso Sarlo lembra que essas memórias advêm muito mais dos discursos e das experiências de outras pessoas:

Mas os fatos do passado que as operações de uma memória direta da experiência podem reconstruir são muito poucos e estão unidos às vidas dos sujeitos e de seu entorno imediato. É pelo discurso de terceiros que os sujeitos são informados sobre o resto dos fatos contemporâneos a eles; esse discurso, por sua vez, pode estar apoiado na experiência ou resultar de uma construção baseada em fontes, embora sejam fontes próximas no tempo. (SARLO, 2007, p. 91)

O discurso de terceiros é elemento expressivo na narrativa *Dois irmãos*, porque ele soma-se às experiências contemporâneas do narrador em terceira pessoa, ele colhe essas lembranças do passado, principalmente as que ouviu da mãe Domingas, das coisas que

observou quando era criança para estruturar uma história pautada na busca pela própria identidade de Nael. Contudo, de acordo com Candau (2011, p. 98), “o ponto de origem não é o suficiente para que a memória possa organizar as representações identitárias, é preciso ainda um eixo temporal, uma trajetória marcada por essas referências, que são os acontecimentos”. Por conseguinte, Nael traz os fatos para, através de imagens simbólicas, sanar ou curar o trauma de sua vida, que é a de não saber a identidade do seu próprio pai, uma vez que há uma bolha que cobre todo o cenário da família libanesa até chegar ao ápice, que é a desestruturação de todos os personagens. A subjetividade, como já citada anteriormente, é uma das características que percorre toda a obra, visto que não podemos afirmar alguns questionamentos acerca dos temas e fatos narrados, e isso, segundo pensamento de Lucáks se deve ao fato de haver:

Uma cisão interna do sujeito normativamente criador em uma subjetividade como interioridade, que faz frente a complexos de poder alheios e empenha-se por impregnar o mundo alheio com os conteúdos de sua aspiração, e uma subjetividade que desvela a abstração e portanto a limitação dos mundos reciprocamente alheios do sujeito e do objeto, que os compreende em seus limites, concebidos como necessidades e condicionamentos de sua existência, e que, mediante esse desvelamento, ainda que mantenha intacta a dualidade do mundo, ao mesmo tempo vislumbra e configura um mundo unitário no condicionamento recíproco dos elementos essencialmente alheios entre si. (LUCÁKS, 2000, p. 75)

A subjetividade de Nael se dá pela necessidade de colher e mediar a vida a partir da experiência das outras pessoas, com isso ele legitima, de algum modo, a própria existência. Por isso, embora não tenha vivenciado tudo que foi contado, se permite falar das experiências alheias, pelas quais busca a compreensão de si mesmo através de informações catalogadas ao longo de sua vida. O narrador se apropria de flashes memoriais do pai dos gêmeos para narrar a história de uma família, a priori, “normal”, conforme os padrões sociais da época. Todavia, por trás desse núcleo familiar se escondem muitos mistérios, intrigas e dramas que envolvem principalmente os três filhos de Zana e Halim. O narrador dialoga com passado e presente, intercalando experiências alheias, como se constata em um dos trechos do segundo capítulo de *Dois irmãos* quando Halim e Zana rememoram o episódio da chegada de Galib, pai de Zana, à cidade de Manaus:

Deitados na rede, conversavam sobre Galib, a infância de Zana em Biblos, interrompida aos seis anos, quando ela e o pai embarcaram para o Brasil. O pai a levava para banhar-se no Mediterrâneo, depois caminhavam juntos pelas aldeias, eles e um médico formado em Atenas, o único doutor de

Biblos; visitavam amigos e conhecidos, cristãos intimidados e mesmo perseguidos pelos otomanos. [...] O homem que deixava a clientela do restaurante manauara já era um exímio cozinheiro na sua Biblos natal. (HATOUM, 2000, p.47)

O filho de Domingas armazenou quase tudo que ouviu no entorno da família libanesa, das conversas que teve com Halim, seu provável avô, nos momentos de intimidade que tiveram durante a convivência na casa. É possível perceber que o narrador nutria um certo afeto pelo patriarca da família de Zana, ficava atento às histórias sobre os costumes árabes e, por vezes, os dois se divertiam e manifestavam uma ligação que perpassava a mera relação entre o filho da empregada e o patrão, conforme evidencia-se no fragmento abaixo:

Eu gostava de ouvir as histórias. Hoje, a voz me chega aos ouvidos como sons da memória ardente. Às vezes ele se distraía e falava em árabe. Eu sorria, fazendo-lhe um gesto de incompreensão: “É bonito, mas não sei o que o senhor está dizendo”. Ele dava um tapinha na testa, murmurava: “É a velhice, a gente não escolhe a língua na velhice. Mas tu podes aprender umas palavrinhas, querido. (HATOUM, 2000, p.39)

Halim contava quase tudo para seu provável neto, fazia confissões sobre seus interesses, seus momentos de prazer e dor, como revelou a Nael que “não queria ter três filhos; aliás, se dependesse da vontade dele não teria nenhum”. (HATOM, 2000, 49). Todas as lembranças são definidas por ele como passagens de uma vida devorada pelo tempo: “aos poucos, a fala voltava: lembranças do passado rompidas por súbitas imagens” (HATOUM, 2000, p.55). Sendo assim, na atividade de rememoração, alguns elementos ficam perdidos, já que tudo pode ser articulado como um fenômeno que pode ser construído, consciente ou inconscientemente, mas nunca na sua plenitude, pois, de acordo com Pollak:

Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a maioria individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. (POLLAK, 1992, p. 05).

Ao longo da narrativa Nael passa por um processo de crise identitária, uma vez que nada sabe sobre sua origem, e tampouco a respeito dos mistérios que cercam os membros daquela família. O modo como ele e a mãe são tratados provocam inúmeras dúvidas sobre sua identidade enquanto sujeito em pleno processo de mudanças físicas e psicológicas. Sobre esse

aspecto, Hall (2011) diz que essa crise de identidade é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais, ou seja, Nael passa de um simples agregado da casa a neto bastardo do patrão de sua mãe. Marcado por conflitos pessoais e sociais, o filho de Domingas, precisa de indícios que lhe tragam o sossego e a descoberta de si mesmo, a certeza de que será aceito pela família de Halim e Zana, como ele mesmo expressa no trecho a seguir:

Passei alguns dias deitado, e me alegrou saber que Halim dera mais atenção ao neto bastardo que ao filho legítimo. Ele sequer pisou na soleira da porta do Caçula. No meu quarto entrou várias vezes, e numa delas deu uma caneta-tinteiro, toda prateada, presente dos meus dezoito anos. Nem Yaqub se lembrava da data, mas o que ele não gastou com médico, ofereceu a Domingas, e dessa vez ela aceitou. Foi um aniversário inesquecível, com minha mãe, Halim e Yaqub ao lado da minha cama, todos falando de mim, da minha febre e do meu futuro. Lá em cima, o outro enfermo, enciumado, quis roubar a comemoração da minha maioridade. Escutamos gemidos, gritos, pancadas, sons de metal, uma zoadada dos diabos. Omar, enfurecido, tinha chutado o penico e a escarradeira, badernando o quarto dele como se renegasse seu próprio canto. (HATOUM, 2000, p. 155)

Apesar de doente, naquele dia, Nael sentia-se feliz por estar rodeado de pessoas da casa, era carente de atenção, e as dúvidas e conflitos existenciais povoavam sua mente. Sentir-se feliz pelo fato das atenções estarem todas voltadas para ele, e não para Omar, não significa que Nael fosse egoísta e desumano, mas pela satisfação da descoberta de que as pessoas se preocupavam com a sua existência. Nesse sentido, o neto de Halim se enquadra no perfil de indivíduo problemático em busca de si mesmo, de acordo com Lukacs (2000, p. 82), “o processo pelo qual foi concebida a forma interna do romance é a peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo”, um trânsito interno do narrador personagem.

2.2 As intenções de Nael

Por se tratar de uma narrativa em 1ª pessoa, o narrador de *Dois irmãos* pode assumir uma posição de superioridade, característica, segundo a perspectiva de Benjamin (1985, p. 208) de “dono da autoridade”, uma vez que o leitor toma conhecimento dos fatos a partir do ponto de vista do narrador. É evidente que a narrativa também se vale de um discurso

monológico², ou seja, centrado em si mesmo, e com isso impõe sua verdade para sensibilizar o leitor acerca do drama que envolve a sua origem, conforme relata Nael:

Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia. Minha infância, sem nenhum sinal de origem. É como esquecer uma criança dentro de um barco no rio deserto, até que uma das margens a acolhe. Anos depois desconfiei: um dos gêmeos era meu pai. (HATOUM, 2000, p. 54)

Nael exterioriza suas frustrações, sabendo muito bem defender seu ponto de vista e semear a dúvida no leitor, alimentando suas predileções de manter-se no anonimato o máximo possível. Esse comportamento do narrador só é possível perceber, de acordo com Benjamin (1985), quando entendemos que a relação despreziosa entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado, uma vez que o personagem-narrador não busca apenas ouvir e conservar, mas sim apresentar todo ambiente onde a história se desenvolve.

As predileções de Nael assumem um papel importante na narrativa, já que é ele quem evidencia e especifica os personagens, conforme seu pensamento. Por isso, segundo Hall (2011, p.13) “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente”. Assim sendo, não temos acesso às lembranças como elas aconteceram de verdade, mas como os personagens agiram segundo o “eu narrador”. Para isso, Nael resgata da memória as histórias que ouviu da mãe sobre as intrigas dos irmãos Yaqub e Omar, como mostra o excerto abaixo:

Foi Domingas quem me contou a história da cicatriz no rosto de Yaqub. Ela pensava que um ciuquinho deles tivesse sido a causa da agressão. Vivia atenta aos movimentos dos gêmeos, escutava conversas, rondava a intimidade de todos. Domingas tinha essa liberdade, porque as refeições da família e o brilho da casa dependiam dela. (HATOUM, 2000, p. 20)

O filho de Domingas fala da liberdade de a mãe circular pela casa dos patrões com uma certa ironia, pois como não se movimentar em um espaço em que ela tinha acesso em função do trabalho que exercia na casa, e não porque fosse dada a ela a liberdade de saber o que se passava com os membros daquela casa? Consciente ou inconscientemente, Nael elege Yaqub como seu ídolo, aquele por quem tinha respeito e admiração, aquele que desejaria que

² No discurso monológico o ouvinte não está habilitado em intervir, portanto BAKHTIN (2000) o define como uma fala que não tem destinatário ou não necessita de uma resposta.

fosse o seu pai. Já por Omar, sentia indiferença por causa do comportamento desregrado do filho de Zana. Para o narrador, Yaqub era perfeito, ou quase perfeito, e ele precisava de um pai perfeito, conforme constatamos no fragmento que segue:

Quando soube que ele ia chegar, senti uma coisa estranha, fiquei agitado. A imagem que faziam dele era de um ser perfeito ou de alguém que buscava a perfeição. Pensei nisto: se for ele o meu pai, então sou filho de um homem quase perfeito [...] Quando Yaqub me viu no quintal de mãos dadas com Domingas, ficou sem jeito, não sabia quem abraçar primeiro. Minha alegria foi tão grande quanto a surpresa. Ele abraçou minha mãe, e senti a mão dela suada, trêmula, apertando meus dedos. (HATOUM, 2000, p. 84)

Era natural que Nael desejasse ser filho de Yaqub, um homem bom, embora Nael reconhecesse que nele também havia algumas falhas, mas logo encontrava uma justificativa para os pequenos defeitos. Contudo, ele também sentia uma certa compaixão, ainda que pouca, pelo gêmeo Omar, mas que acabou quando ele descobre que sua mãe, Domingas, foi estuprada pelo filho pervertido de Zana. Por isso, o tempo da narrativa, a memória, o dito e até o não dito, são elementos expressivos para a construção da identidade do narrador, sua posição é de observador, mas também de questionador e sujeito de uma história marcada por segredos, revelações e frustrações. Como o tempo da narrativa transita entre o passado e o presente, Nael dialoga com o passado como se cada fato rememorado fosse algo atual para legitimar a veracidade das informações. Sobre essa questão, Benjamin assegura que:

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver. (BENJAMIN, 1994, p. 204)

A identidade de Nael depende das informações, e isso o tempo não pode apagar de sua memória, pelo contrário, o passado é renovado em cada lembrança, em cada gesto “tatuado” pelo tempo em sua mente, pois só assim ele “consegue” reconstruir sua história respaldada no que lhe sobrou: os vestígios de memórias. Para Sarlo (2007, p. 24), um narrador mergulhado em sua subjetividade do tempo passado “inscreve numa temporalidade que não é a do seu acontecer, mas a de sua lembrança”. Por isso, Nael busca recuperar a história da família libanesa que durante todo o tempo foi sua, apesar de ele não ter vivido diretamente a experiência dos membros da família de Halim e Zana, mas sabia muito sobre os avós paternos, os tios e o próprio pai, conforme revela no trecho abaixo:

Aos poucos, Zana me contou coisas que talvez poucos soubessem: o nome dela de batismo em Biblos era Zeina. No Brasil, ainda criança, ela aprendeu português e mudou de nome. Eu soube mais de Galib e Halim, e também de minha mãe. Domingas mudou muito depois que engravidou. Passava horas compenetrada. “Só vendo... bastante com ela mesma, até que Halim de mansinho, abria a porta do quarto e perguntava: ‘em que estás pensando?’, ‘Hã? Eu?’ Tua mãe me respondia assim, assustada [...]. Quando tu nasceste, eu perguntei: E agora, nós vamos aturar mais um filho de ninguém? Halim se aborreceu, disse que tu eras alguém, filho da casa [...]” (HATOUM, 2000, p.186)

O narrador precisa dessas vozes para ser dono de sua história e deixar de ser um “filho de ninguém” (HATOUM, 2000, p.186). Por isso as vozes de Zana, Halim e Domingas, emergem como testemunhas e colaboradoras da construção do indivíduo problemático, aquele que viaja no tempo para colher e compartilhar com o leitor os indícios da verossimilhança das situações mais limítrofes de sua vida e da vida de todos os outros personagens de um enredo tão enigmático. Aos poucos as peças do quebra cabeça tomam forma, Nael, paulatinamente, vai revelando o mistério que envolve o nome de seu pai, pois deveras não era um “filho de ninguém”, esse estigma não lhe agradava, e independente de quem fosse seu pai era importante dizer como ficou sabendo da verdade, como expressa na passagem da narrativa que segue:

“Quando tu nasceste”, ela disse, “seu Halim me ajudou, não quis me tirar da casa [...]. Me prometeu que ias estudar. Tu eras neto dele, não ia te deixar na rua. Ele foi ao teu batismo, só ele me acompanhou. E ainda me pediu para escolher teu nome. Nael, ele me disse, o nome do pai dele. Eu achava um nome estranho, mas ele queria muito, eu deixei [...] Seu Halim. [...]. Eu sentia que o velho gostava muito de ti”. (HATOUM, 2000, p.180)

Nael pode ser definido, segundo a perspectiva benjaminiana, como um contador de histórias, um narrador tradicional que se utiliza da oralidade para conta sua história e a dos outros, sendo “assim seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata”, (BENJAMIN, 1985, p. 205). Nessa perspectiva, o narrador necessariamente não precisaria ter vivenciado tudo para colocar em sua autobiografia romanesca, mas precisaria ter apoio de vozes para construí-la.

O contador tradicional e as marcas da oralidade são constatados quando o narrador, mesmo quando a memória falha, reconstrói os acontecimentos a partir de outros sentidos, como o auditivo e o visual, chamando atenção do leitor para os fatos que ele mesmo narrava para Zana sobre a vida das pessoas na cidade de Manaus. Com essa estratégia, é possível perceber o cotidiano das pessoas da casa de Zana e de outros moradores da cidade de Manaus.

Essa rotina diária coaduna a experiência da oralidade, ou seja, Nael reproduzia para Zana as narrativas orais das pessoas da comunidade, e isso lhe trazia um certo prazer porque ele tinha a capacidade de ser criativo na hora de narrar o que ouvia:

O que me dava um pouco de folga e certo prazer era uma tarefa que não chegava a ser um trabalho de verdade. Quando as casas explodiam de gritos, Zana me mandava zarelhar pela vizinhança, eu cascalhava tudo, roía os ossos dos vizinhos. Era cobra nisso. Memorizava as cenas, depois contava tudo para Zana, que se deliciava, os olhos saltando de tanta curiosidade: “Conta logo, menino, mas devagar... sem pressa”. Eu me esmerava nos detalhes, inventava, fazia uma pausa, absorto, como se me esforçasse para lembrar. (HATOUM, 2000, p. 64)

A posição do narrador, a complexidade de suas histórias, a tentativa de persuadir não apenas os leitores, mas também a personagem Zana, é que nos autoriza a desconfiar desse tipo de narrador, pois ele mesmo se diz controverso e um inventor de histórias que possivelmente nunca tenham acontecidos, certamente porque o que ele não lembrava com precisão, inventava, fantasiava por puro prazer de contar, “[...] passei parte da tarde com as palavras do poeta inédito e a voz do amanta de Zana. Ia de um para o outro, e essa alternância – o jogo de lembranças e esquecimentos - me dava prazer.” (HATOUM, 2000, p. 197).

Nesse processo de escrita de suas memórias, o narrador se isola de todos em um “quartinho construído no quintal fora dos limites da casa” (HATOUM, 2000, p. 24). Enquanto sua mente vagava silenciosamente em meio às lembranças do passado para desvendar os segredos mais camuflados, Domingas era reticente, seu silêncio denunciava, de algum modo, o receio por não ter contado a verdade a Nael, e por isso sempre se refutava quando ele a questionava:

Domingas disfarçava quando eu tocava no assunto; deixava-me cheio de dúvida, talvez pensando que um dia eu pudesse descobrir a verdade. Eu sofria com o silêncio dela; nos nossos passeios, quando me acompanhava até o aviário da Matriz ou à beira do rio, começava uma frase mais logo interrompia e me olhava, aflita, vencida por uma fraqueza que coíbe a sinceridade. Muitas vezes ela ensaiou, mas titubeava, hesitava e acabava não dizendo. Quando eu fazia a pergunta, seu olhar logo me silenciava, e eram olhos tristes. (HATOUM, 2000, p. 54)

Nael é prisioneiro de um segredo – seria filho de Yaqub, resultado de uma paixão de infância do filho do patrão pela empregada da casa, ou de Omar, mau caráter e violento? O narrador era visto como alguém que só existia à sombra de outras pessoas, como ele mesmo reconhece ao afirmar que “na verdade, para Zana eu só existia como rastros dos filhos dela” (HATOUM, 2000, p. 28). O filho bastado vive a experiência do excluído, de ser ou não ser

parte integrante da família libanesa, ao mesmo tempo em que se reconhece como parte do grupo serviçal, no qual sua mãe está inserida.

A reminiscência marcada pela narrativa indutiva de Nael é confirmada pelos silêncios de toda a família em relação a si, logo ele também decide silenciar reconhecendo a sua posição inferior em relação aos outros, porém continua sendo seu desejo conhecer e se reconhecer: “adiiei a pergunta sobre meu nascimento. Meu pai. Sempre adiaria, talvez por medo. (HATOUM, 2000, p. 100). Diante disso, é formada a muralha que separa Nael da revelação sobre seu pai, e isso torna-se quase imbatível, já que ele não tem coragem de questionar sua mãe e o avô sobre sua identidade paterna, e só após a morte dos personagens ele consegue montar um roteiro das memórias para desvendar os mistérios que cercavam a sua existência:

Eu não conseguia sair de perto de Domingas. Um curumim do cortiço foi entregar um bilhete a Rânia. Escrevi: “minha mãe acabou de morrer”. Naquela época, tentei, em vão, escrever outras linhas. Mas as palavras parecem esperar a morte e o esquecimento; permanecem soterradas, petrificadas, em estado latente, para depois, em lenta combustão, acenderem em nós o desejo de contar passagens que o tempo dissipou. E o tempo só nos faz esquecer, também é cúmplice delas. Só o tempo transforma nossos sentimentos em palavras mais verdadeiras, disse Halim durante uma conversa. (HATOUM, 2000, p.183)

O discurso de Nael, aparentemente, é apresentado como resultado de falhas memoriais, mas ainda assim é cercado pelo amadurecimento da escrita da narrativa. A marca do silêncio não é a única barreira que impede que ele conheça sua identidade, já que os filhos de Halim e Zana se fundiam como sendo um só, mas com personalidades diferentes que marcavam a relação de duplo nas memórias de Nael. Com base nessa dualidade, Melo afirma que as várias formas do duplo “desdobrando-se em sócias, irmãos – gêmeos ou não -, representada também pela sombra, o retrato ou a imagem refletida no espelho” (MELLO, 2000, p.113). É nesse conflito que a representação de confronto entre os dois irmãos é refletida no romance *Dois irmãos*, já que, segundo a autora supracitada há: “uma vocação especial para tematizar o duplo, já que no ato de criar o autor se desdobra em narrador, e, através de seus heróis, libera partes aprisionadas em si mesmo, que estão sob a máscara de um eu particular fixo no molde da personalidade.” (MELLO, 2000, p.113)

Em *Dois Irmãos*, essa marca de duplicidade ocupa um lugar de destaque, pois embora Yaqub e Omar sejam gêmeos, fisicamente parecidos, apresentam comportamentos muito diferentes, marcados pelo rancor e pelo ódio entre os dois. O duplo ainda se manifesta nos

questionamentos de Nael em busca de respostas às suas inquietações sobre sua identidade, uma vez que “através da noção do duplo, toda a problemática da identidade pessoal e das relações que temos com imagens parentais, mas também com o nosso eu profundo, nossa obscuridade e nossos medos se acham reunidos” Mello (2000, p.122). Todavia, Nael é a cisão entre os dois irmãos, uma mistura do gêmeo bom e do gêmeo rebelde, pois seu desejo era sentir-se membro da família, ou pelo menos que sua mãe tivesse o reconhecimento merecido de mãe do neto bastardo da família libanesa:

Pedi a Rânia para que minha mãe fosse enterrada no jazido da família, ao lado de Halim. Ela concordou, pagou tudo sem reclamar, e eu não soube quanta cumplicidade havia num ato tão generoso. Minha mãe e meu avô, lado a lado, debaixo da terra, haviam encontrado um destino comum. Eles que vieram de tão longe para morrer aqui. (HATOUM, 2000, p.183)

A união da família de Nael, ironicamente, só acontece após a morte de todos os integrantes, o sossego e a paz que noutro era quase impossível no plano terrestre, agora parecem, finalmente, habitar, ainda que do ponto de vista espiritual e simbólico, no jazido da família libanesa. Nesse sentido, a morte surge com uma forma de apaziguar os conflitos e colocar os membros da família no mesmo espaço de silêncio e de conciliação, sem predileções, diferenças ou qualquer disposição que separam a empregada da família dos patrões, os ricos dos pobres, os bons dos ruins. Nesse sentido, as intenções do narrador, além do desejo de revelar-se para o leitor é, também, de denunciar as diferenças sociais e, ao mesmo tempo, a futilidade das coisas diante da morte, nada escapa às observações do narrador-personagem.

3. DOIS IRMÃOS E MUITOS DRAMAS

A essência da narrativa de *Dois irmãos* gira em torno do antagonismo da família libanesa na Manaus dos anos 20. Engendrado por um narrador protagonista, a história apresenta a aguda rivalidade entre os irmãos gêmeos Yaqub e Omar, desde quando ainda eram crianças. O foco da narrativa, apesar da existência de Rânia, e do casal Halim e Zana, é centrado nos comportamentos que diferenciam os dois irmãos – idênticos na aparência, mas diferentes nas atitudes de ser e estar no mundo. Segundo o narrador, a mãe dos meninos não escondia a sua preferência por Omar, a quem ela chamava de filho caçula, enquanto confiava Yaqub aos cuidados de Domingas, a índia empregada da casa.

A oposição do enredo se dá nas relações mais íntimas dos membros da família libanesa. De um lado, a indiferença do pai com os filhos, pois nunca quis tê-los para não dividir a atenção e o amor da esposa com mais ninguém; do outro, a mãe, apática às necessidades de carinho e atenção de Rânia e Yaqub, se fecha na excêntrica relação de amor hiperbólico por Omar; os irmãos gêmeos que, desde novos, nutrem uma rivalidade que provoca toda a desordem no lar; e Hânia, tácita aos acontecimentos, vê no irmão Yaqub um herói, embora mantivesse uma relação duvidosa com o outro irmão, únicas figuras masculinas que lhe chamam atenção dentro da casa. Os cuidados de Zana com Omar só acentuavam o conflito entre os filhos gêmeos e, conseqüentemente, isso avultava o descontentamento do esposo, criando assim um clima de disputa e rivalidade. Desde a infância Omar já revelava seu lado agressivo com o irmão Yaqub:

Yaqub reservou uma cadeira para Livia e o Caçula desaprovou com o olhar esse gesto polido. [...]. Uma pane no gerador apagou as imagens, alguém abriu uma janela e a plateia viu os lábios de Livia grudados no rosto de Yaqub. Depois, o barulho de cadeiras atiradas no chão e o estouro de uma garrafa estilhaçada, e a estocada certa, rápida e furiosa do Caçula. O silêncio durou uns segundos. E então o grito de pânico de Livia ao olhar o rosto rasgado de Yaqub. [...]. O caçula, apoiado na parede branca, ofegava, o caco de vidro escuro na mão direita, o olhar aceso no rosto ensanguentado do irmão. (HATOUM, 2000, p. 22)

Para evitar uma tragédia maior na família, e puni-los de alguma forma, o pai decide mandar os dois rapazes para o Sul do Líbano, para que aprendessem a se virar sozinhos. Entretanto, a matriarca da família não aceita a ideia e convence o marido a enviar apenas um dos filhos. Isso reforça o sentimento de rejeição, rivalidade e vingança entre os gêmeos. Escolhido para ser extraditado, o jovem Yaqub embarca para o Líbano e permanece por lá durante cinco anos, longe do irmão agressor e do resto da família. Cabe ressaltar que o nascimento dos filhos é o primeiro marco de conflito entre o casal, pois o pai não manifestava qualquer tipo de afeto pelos filhos e sempre deixou claro que eles mudariam a rotina da casa e de sua relação com a esposa, conforme podemos constatar no excerto abaixo:

(HALIM) não queria três filhos; aliás, se dependesse da vontade dele, não teria nenhum. “Um filho é um desmancha-prazer”, dizia ele, sério. “Três, querido. Três filhos, nem mais um nem menos”, ela insistia, manhosa, armando a rede no quarto, espalhando as almofadas no chão, como ele gostava. “Vão mudar a nossa vida, vão desarmar a nossa rede...”, lamentava Halim. (HATOUM, 2000, p. 49)

Halim queria atenção exclusiva da esposa, afinal foi por ela que ele moveu montanhas e declarou as mais belas frases de amor para conquistá-la. O libanês não gostaria de intromissões na relação para não perder espaço no coração da amada esposa. Por outro lado, Zana desejava mais que tudo ver sua família crescer, ter crianças brincando dentro de casa, sentir-se amada pelos filhos, além de seu marido. Dois anos após a chegada de Domingas à casa da família libanesa, os gêmeos nasceram, a empregada chegou à residência do casal através de um gesto de caridade das irmãs da comunidade N. Sra. dos Remédios, que fizeram a doação da índiazinha cunhatã, que já era batizada e alfabetizada.

A mãe de Nael doou parte da sua vida a cuidar da família libanesa, com ouvidos e olhos sempre atentos, ela conhecia a impenetrabilidade que cercava cada indivíduo daquela família, sobretudo os embates mais inquietantes e controversos. Desde que chegou à casa de Zana e Halim, quando ainda era uma menina ingênua e indefesa, Domingas foi juntando gestos, afetos e rivalidades. O narrador relata, tomando as memórias de Halim, como foi a chegada de sua mãe à casa da família:

Uma menina mirrada, que chegou com a cabeça cheia de piolhos e rezas cristãs”, lembrou Halim. “Andava descalça e tomava benção da gente. Parecia uma menina de boas maneiras e bom humor: nem melancólica, nem apresentada. Durante um tempinho, ela nos deu um trabalho danado, mas Zana gostou dela. As duas rezavam juntas as orações que uma aprendeu em Biblos e a outra no orfanato das freiras, aqui em Manaus”. Halim sorriu ao comentar a aproximação da esposa com a índia. “O que a religião é capaz de fazer”, ele disse. “Pode aproximar os opostos, o céu e a terra, a empregada e a patroa”. (HATOUM, 2000, p. 48)

É importante perceber que Domingas chegou muito jovem à casa da Zana e Halim, antes mesmo do nascimento dos filhos do casal, talvez por isso, justifique a afeição da patroa pela índiazinha escrava. A menina bem-humorada estava sempre ao lado de Zana para ajudá-la nas tarefas domésticas e afins, as duas trocavam experiências religiosas, fato que chamava a atenção de Halim em função das diferenças que separavam a esposa da índia. Nessa perspectiva, a religião colocava as duas em pé de igualdade perante Deus, ou seja, aproximava os opostos. Contudo, a índia poderia ter sido criada como filha do casal já que chegou à família quando ainda era criança, mas, apesar da afinidade de Zana com a menina, havia as diferenças socioculturais que as separavam.

O nascimento dos filhos de Zana muda a rotina da casa, muda inclusive a vida de Domingas. O drama que envolve a família de Halim é resultado de uma história de excesso, ciúme e violência. Nael é fruto da violência sexual, uma prática recorrente na sociedade patriarcal na qual o patrão ou os filhos do patrão abusam sexualmente da empregada da casa.

O silêncio de Domingas é representativo, o lugar de onde fala a empregada é o de coparticipação na história, não como cúmplice, mas como vítima da violência de Omar, o filho dos patrões. Esse não teve os cuidados da índia, logo, não poderia sentir qualquer afeto materno por ela, diferentemente de Yaqub a quem a mãe atribuiu os cuidados a Domingas.

3.1 Dois irmãos e múltiplas identidades

Yaqub e Omar, os dois irmãos que protagonizam a obra de Milton Hatoum, são resultados de um processo de crise identitária, onde um é o que falta no outro, e que apesar de terem sido criados no mesmo espaço durante um bom tempo, cada um segue seu caminho particular e divergente. Os dois estão ligados pela identidade e, ao mesmo tempo pela diferença, uma vez que não é possível pensar em Omar sem compará-lo a Yaqub, e vice-versa. Sobre essa questão, Hall (2011, p. 7) define a crise identitária como: “parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”. Depois de ficar um tempo morando fora, Yaqub parece sentir-se estrangeiro diante da própria família. Por outro lado, Omar, apesar de ser o transgressor de regras, sempre esteve perto da família e foi muito mimado pela mãe.

Ao longo da narrativa, podemos perceber as mudanças que acompanham a vida dos personagens da obra hatouniana, os conflitos, os amores e a falta de aceitação. Por causa disso, pouco a pouco cada membro da família começa a perder o sentido estável da vida. Nessa perspectiva, Hall (2011, p. 9) assevera que: “esta perda de sentido de si estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito”. Esse deslocamento acaba afetando a vida do indivíduo e dos que estão ao seu redor. No caso específico de Yaqub, esse deslocamento se dá em razão da rejeição da mãe e o excesso de cuidado dessa como o irmão, o que provoca o seu afastamento do convívio da família. O excesso de cuidado e apreço da mãe pelo filho caçula começaram a se manifestar desde cedo, quando Omar ainda era criança:

Cresceu cercado por um zelo excessivo, um mimo doentio da mãe, que via na compleição frágil do filho a morte iminente. Zana não despegava dele, e o outro ficava aos cuidados de Domingas, a cunhantã mirrada, meio escrava, meio ama, “louca para ser livre”. [...] Zana se refestelava no convívio com o outro, levava-o para toda parte; passeios de bonde até a praça da Matriz, os bulevares, o Seringal Mirim, as chácaras da Vila Municipal, levava-o para ver os malabaristas do Gran Circo Mexicano, para brincar nos bailes do Rio Negro Clube [...] Domingas ficava com Yaqub, brincava com ele, diminuída,

regredindo a infância que passara à margem de um rio, longe de Manaus. (HATOUM, 2000, p. 50 – 51)

Os filhos de Zana receberam, desde muito cedo, tratamentos diferenciados, e Halim também se sentia deixado de lado, e se antes do nascimento das crianças se divertia apaixonadamente com Zana por todos os lugares, agora vivia uma reclusão: “quando os meninos nasceram, Halim passou dois meses sem poder tocar no corpo da Zana. Ele me contou como sofreu: achava um absurdo o período de resguardo, e mais absurda ainda a devoção louca da esposa pelo caçula”. Nesse recorte de reminiscência, o narrador revela a solidão do esposo de Zana depois que as crianças nasceram, pois com a chegada de Yaqub e Omar o amor e a atenção que tinha de Zana lhe foram roubados por um dos filhos, pois a esposa agora só tinha tempo para o caçula, e como isso ela demonstrava sinais de perene devoção.

Com o passar do tempo, Halim volta a ter a atenção da esposa, mas a relação ficou abalada e já não era mais a mesma: “reconquistou Zana, mas deu adeus ao tempo em que se arrepiavam de prazer em qualquer canto da casa ou quintal”. Esses cuidados de Zana com Omar sugerem marcas do Complexo de Édipo presente na obra *Dois Irmãos*. O complexo de Édipo pode ser entendido com uma fase do desenvolvimento da criança que passa a ter uma atração pela mãe e rejeição pelo pai, Sigmund Freud é o criador científico desse complexo, a partir dele o sujeito constrói-se e organiza sua identidade. Para Freud:

Um único pensamento de valor genérico revelou-se a mim. Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância. [...]. Sendo assim, podemos entender a força avassaladora de *Oedipus Rex* [...] a lenda grega capta uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da platéia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do seu estado atual. (FREUD, 1996, p. 316)

Omar sempre deixou explícito que era o preferido de sua mãe, em todos os momentos. Zana já não conseguia desvincular a figura do menino que nasceu quase morto com a do homem que se tornara. Ele queria sempre sua atenção, não deixava que passasse nada sem que ela percebesse, e ela gostava dos galanteios do filho caçula, porém seu pai não apoiava certas travessuras, como nos revela o trecho seguinte:

Numa noite Halim acordou com tosse e falta de ar. Acendeu o candeeiro, viu refletida no espelho do quarto uma teia de aranha amarela, sentiu cheiro de fumaça e pensou que o mosquito ardia lentamente ao lado dele. Saltou da cama e viu o Caçula aninhado ao corpo de Zana. Expulsou-o do quarto aos gritos, acordando todo mundo, acusando Omar de incendiário, enquanto Zana repetia: “Foi um pesadelo, nosso filho nunca faria isso”. (HATOUM, 2000, p. 52)

No excerto acima é possível desconfiar de uma relação incestuosa entre os irmãos Yaqub e Rânia, embora o narrador pouco fala desse fato, a não ser para causar essa dúvida no leitor, há outros momentos que ele sugere essa relação. O pai fica furioso quando ver o filho fazendo “ninho” no corpo da irmã, ou seja, possivelmente acariciando-a ou tomando-a em seus braços. Ao acusar Omar e “incendiário”, Halim revela o mau caráter do próprio filho, que era capaz de atear fogo na honra da própria irmã, uma violência contra a Rânia e contra a honra de toda a família.

Os filhos de Zana viviam marcados pela dualidade, pelo duplo, pelo ser e não ser, um era amado pela mãe, e outro rejeitado; um tinha tudo e o outro quase nada e sempre fora assim, uma vez que a mãe foi o eixo dessa divisão entre os dois filhos. Desde sempre, os gêmeos disputaram a atenção da família, principalmente da mãe, provocando uma desordem no núcleo familiar que nem o laço sanguíneo foi capaz de os uni-los. Isso legitimou a inferioridade dos jovens diante da própria família, um querido demasiadamente pela mãe, mas rechaçado pelo pai por causa de seu comportamento rebelde e promíscuo; o outro tem o apoio do pai, mas é colocado em segundo plano pela mãe. Sobre esse dualismo da inferioridade, Benjamin (1985, p. 212) assevera que “o sujeito só pode ultrapassar o dualismo da interioridade e da exterioridade quando percebe a unidade de toda a sua vida [...] na corrente vital do seu passado, resumida na reminiscência”.

A partir dessa perspectiva, os dois irmãos, Omar e Yaqub, se encaixam no dualismo da interioridade e exterioridade pois, embora sejam gêmeos, apresentam desvio de caráter que determina a singularidade entre os dois. A vida dos gêmeos desde a gestação é marcada pela rejeição do pai e, posteriormente, por uma série de conflitos internos e externos. Omar era o querido da mãe, era destemido e corajoso, criava as mais diversas confusões e sempre podia contar com o apoio da genitora; Yaqub, reservado, e visivelmente deixado de lado pela mãe, enfrenta o destempero do irmão implicante e agressivo. A diferença de conduta ética e moral entre os irmãos legitima a superioridade de um e a inferioridade do outro, Omar se sentia superior enquanto Yaqub, pelo jeito taciturno, era inferior, não tinha as qualidades da rebeldia e da coragem do irmão. Sobre o sentimento de qualidade Greimas e Fontanelli (1993, p. 174)

afirmam que é “um sentimento que leva a igualar ou ultrapassar alguém em mérito, saber ou trabalho.” É com esse sentimento que os dois passam a viver e criar suas personalidades, um necessita de harmonia, já que vivem no mesmo espaço e era preciso ter uma relação amigável, só que Omar nunca quis se igualar ao irmão gêmeo, sabia que tinha qualidades que o outro não tinha por isso exibia sua valentia e provocava em Yaqub o sentimento de inferioridade:

Não, fôlego ele não tinha para acompanhar o irmão. Nem coragem. Sentia raiva, de si próprio e do outro, [...]. Sentia raiva de sua impotência e tremia de medo, acovardado ao ver o Caçula desafiar três ou quatro moleques parrudos, aguentar o cerco e os socos deles e revidar com fúria e palavrões. Yaqub se escondia, mas não deixava de admirar a coragem de Omar. Queria brigar como ele, sentir o rosto inchado, o gosto de sangue na boca, a ardência no lábio estriado, na testa e na cabeça cheia de calombos, queria correr descalço, sem medo de queimar os pés [...]. (HATOUM, 2000, p. 14)

É comum que nas famílias o irmão mais velho passe a cuidar dos mais novos, porém, na família libanesa isso não acontecia, já que Omar, o caçula, era quem comprava as brigas no colégio e na rua, e o mais velho fugia para um lugar seguro de onde ficava admirando a coragem do irmão, essa bravura causava inveja e raiva em Yaqub. Outra cena que marca a oposição entre os dois irmãos é quando acontece o baile de carnaval, que era dividido em duas sessões, uma para os jovens adolescentes e outra, mais tarde, para os adultos. Yaqub ia na sessão onde era apenas a garotada, enquanto que seu irmão gêmeo podia ir na sessão noturna acompanhado dos pais. Yaqub não gosta dessa atitude da mãe, uma vez que Omar tinha a sua mesma idade e não era um adulto; depois Lívía, que era sua paixão, também estaria no baile:

O baile dos jovens havia começado antes do anoitecer. Às dez horas os adultos entraram fantasiados na sala do casarão, cantando, pulando e enxotando a garotada. Yaqub quis ficar até meia-noite, porque uma sobrinha dos Reinoso, a menina aloirada, corpo alto de moça, também ia brincar até a manhã da Quarta-Feira de Cinzas. Seria a primeira noite de Lívía na festa dos adultos, a primeira noite que ele, Yaqub, viu-a com os lábios pintados, os olhos contornados por linhas pretas, as tranças salpicadas de lantejoulas que brilhavam nos ombros bronzeados. Queria ficar para pular abraçado com ela, sentir-se adulto como ela. (HATOUM, 2000, p. 15)

Yaqub, ao retornar para a festa, após ter deixado Rânia em casa, a pedido de sua mãe, nota o clima de entrega e paixão entre seu irmão Omar e Lívía, a menina por quem ele nutria um sentimento de paixão. Consequente a isso, o rapaz sente ciúme e fica estremecido com a cena dos dois dançando juntos: “a sala fervilhava de foliões, e no meio das tantas cores e das

máscaras ele viu as tranças brilhantes e os lábios pintados, e logo ficou trêmulo ao reconhecer o cabelo e o rosto semelhantes ao dele, pertinho do rosto que admirava” (HATOUM, 2000, p. 15). Reminiscente, Yaqub nada faz, assiste tudo passivamente e não parte para disputa com o irmão, mas parece guardar todas as provocações para explodir na hora certa: “Yaqub ensombreceu. Não teve coragem de ir falar com ela. Odiei o baile, odiei as músicas daquela noite, os mascarados, e odiei a noite”, (HATOUM, 2000, p. 16). Essas revelações foram feitas a Domingas na tarde posterior à festa, era com ela que o irmão de Omar se abria, contava um pouco sobre sua vida, desejos, paixões e sonhos.

Omar sentia prazer em mostrar ao irmão que era superior a ele, mais desejado, ou até mesmo um rival imbatível, que conseguia não somente aquilo que queria, mas se apropriar também daquilo que seu irmão desejava. Omar estabelecia uma relação de poder e controle sobre as coisas e as pessoas, principalmente sobre o irmão, por isso era importante que Yaqub se sentisse inferior e fracassado. Para se sentir superior Omar reconhecia suas qualidades, internalizava e descortinava o que realmente era: libertino, devasso e violento. Segundo Hall (2011, p. 13), “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação as formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Essas mudanças, ou vontade de mudar não povoavam a cabeça de Omar, pois ele queria ser exatamente como era, já Yaqub sempre quis ser uma pessoa melhor do que o irmão, e se questiona porque a mãe não corrigia os erros do caçula: “não entendia por que Zana não ralhava com o Caçula, e não entendeu porque ele, e não o irmão, viajou para o Líbano dois meses depois” (HATOUM, 2000, p. 16).

Os pais dos gêmeos, cada um dentro de suas limitações com a educação dos filhos, culpavam um a outro pelas atitudes desregradas dos filhos, principalmente o gêmeo Omar: “Zana culpava Halim pela falta de mão firme na educação dos gêmeos. Ele discordava: “Nada disso, tu trata o Omar como se ele fosse seu único filho” [...]. Os pais tiveram que conviver com um filho silencioso. Temiam a reação de Yaqub, temiam o pior: a violência dentro de casa”, (HATOUM, 2000, p. 22-23). Para ficar longe desse conflito, Yaqub decide deixar a casa dos pais e vai para São Paulo para então forma-se engenharia, prefere ficar distante da família que tanto o escamoteava: “Omar, mordido de ciúme, não tocou no nome do irmão. E a mãe, pura ânsia, dizia que o filho que parte pela segunda vez não volta mais a casa. O pai concordava, sem ânsia, sonhava com um futuro glorioso para Yaqub, [...] (HATOUM, 2000, p. 35)

Enquanto isso, Omar não queria saber de estudar e trabalhar, mas reinava como centro absoluto da casa, exceto por seu pai que não tinha o menor prazer de vê-lo. No entanto, as

mulheres da casa estavam sempre aos seus pés, principalmente nas noites de farra em que ele chegava totalmente embriagado e aprontava. O jovem levava uma vida boêmia e regada pelos excessos, bebia e se divertia com as prostitutas da cidade. O maior medo de Zana era que o filho casasse um dia, por isso, segundo o narrador: “para ela um filho casado era um filho perdido ou sequestrado. Fingiu-se desinteressada do nome da nora e cercou ainda mais o Caçula, que ela atraia para si como um imenso imã atraindo limalhas.” (HATOUM, 2000, p. 69). Por outro lado, Halim torcia: “para que uma dessas mulheres levasse o filho para longe de casa”, contudo, “Zana era mais forte, mais audaciosa e mais poderosa” (HATOUM, 2000, p. 74).

As diferenças que caracterizam os dois personagens são antagônicas, eles têm tratamentos diferenciados, pensam e agem de modo extremamente contrários. Omar sai da casa dos pais pela primeira vez, e dessa vez Zana concorda porque quer separar o filho da mulher com quem ele andava de namoro, por isso pede ajuda ao marido e embarca o filho para São Paulo. Apesar de não ir morar com Yaqub, Omar consegue desequilibrar o sossego e a paz do irmão na grande cidade. Irresponsável, como sempre fora, Omar não tem interesses pelos estudos, ludibria os pais e apronta com irmão. Halim tinha consciência disso quando falava do filho: “Omar quer viver com emoção. Ele não abre mão disso, quer sentir emoção em cada instante da vida. [...] “Sabes de uma coisa? Nem São Paulo corrigiu o Omar! Aliás, nenhum santo nem cidade vai dar jeito nele.” (HATOUM, 2000, p. 91).

Omar é exatamente o que é: ingrato e perverso, se aproveita da situação financeira do irmão, agora engenheiro, e rouba-lhe dinheiro para ir aos EUA. Omar é um sujeito totalmente sem limites e sem escrúpulos, que faz de tudo para ver os outros rebaixados, é insensível aos esforços dos pais que o mantêm em São Paulo pensando que ele iria estudar e se redimir um dia. Diante das atitudes do irmão, Yaqub quebra o silêncio e escreve para o pai falando das travessuras do irmão: “Contou só para o pai, que deixou o outro desabafar. O engenheiro, lacônico, dessa vez desandou a falar mal do irmão: “um mal-agradecido, um primitivo, um irracional, estragado até o tutano. Fez pouco de mim e de minha mulher” (HATOUM, 2000, p. 91). Depois de ir casa de Yaqub, roubar todo o dinheiro e partir para os EUA, Omar enviou-lhe um cartão-postal para debochar do irmão e da cunhada, conforme revela o narrador Nael:

Pois bem, o Caçula enviou o primeiro cartão-postal de Miami; depois enviou outros, de Tampa, Mobile e Nova Orleans, contando suas farras e peripécias em cada cidade. Yaqub rasgara todos os postais menos um, que entregou ao pai: “Queridos mano e cunhada, Louisiana é a América em estado bruto e mesmo brutal, e o Mississipi é o Amazonas desta paragem, Louisiana é mais civilizada que vocês dois juntos. Se vierem, tratem de pintar o cabelo de

loiro, assim vão ser superiores em tudo. Mano, a tua mulher, que já foi bonita, pode rejuvenescer com o cabelo dourado. E tu podes enriquecer muito, aqui na América. Abraços do mano e cunhado Omar.” (HATOUM, 2000, p. 92)

Omar é sarcástico e afronta o irmão, desqualificando-o com a intenção de fazê-lo sentir-se inferior a ele. A partir desse evento, Yaqub passa a revidar as ofensas do irmão, aumentando cada vez mais rivalidade entre esses dois membros da família libanesa. Se antes Yaqub tinha inveja da bravura do irmão, este agora tem inveja da ascensão social daquele. Nesse sentido, há um processo de mutação de identidades dos irmãos, uma fragmentação de comportamentos, e isso se deve, de acordo com Hall (2011, p. 12) ao fato de que “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. Atentando para essa questão, o sujeito pós-moderno se constitui a partir de identidades móveis de acordo com os espaços habitados e as suas necessidades.

Logo após esse episódio Yaqub decide retornar à Manaus, à casa de sua família, para falar aos pais o que Omar andava aprontando enquanto eles estavam crentes de que o filho Caçula estava tomando rumo na vida, só assim podia cobrar de sua mãe a injustiça que ela cometera tempos atrás, quando o mandou sozinho para o Líbano, além de toda rejeição, enquanto o outro era cheio de privilégios. Mas ele não soube de que forma expressar para mãe todo esse sentimento guardado dentro de si, diferente do pai com quem conversara e conseguia falar sobre suas indignações com o irmão. O filho de Dominga enfatiza a maldade de Omar rememorando as lembranças de quando Yaqub retorna a Manaus e conversa com o pai sobre a malevolência do irmão:

“Durante cem dias o teu filho foi disciplinado como não tinha sido em quase trinta anos, mas foram cem dias de farsa”, disse Yaqub ao pai. “Ele roubou meu passaporte e viajou para os Estados Unidos. O passaporte, uma gravata de seda e duas camisas de linho irlandês!”. Yaqub teve certeza disso quando recebeu o primeiro cartão-postal. Já tinha expulsado a empregada, porque ela levava Omar para o apartamento quando ele e a esposa estavam em Santos no feriado de 15 de novembro. A empregada havia confessado quase tudo: Omar a levava para passear no Trianon e no Jardim da Luz; tinham almoçado no Brás e nos restaurantes do centro. Dois folgadas! Tudo isso com o dinheiro que vocês mandavam, disse Yaqub, irado. (HATOUM, 2000, p. 92)

No trecho acima percebe-se que Omar enganou a todos, mesmo tendo começado a estudar em São Paulo, mas a farsa não durou muito tempo, logo após conhecer a empregada

da casa Yaqub, o caçula seduz a moça para conseguir entrar no apartamento e mexer em todos os pertences do casal, essa atitude parece ter a ver com uma espécie de vingança, pois ele descobre que Livia, a sua primeira paixão, é a esposa de seu irmão. Enfurecido por causa do roubo, Yaqub relata ao pai que Omar “deixou a mixaria, deixou o que ele é. Esse é o teu filho. Um barami, ladrão!” (HATOUM, 2000, p. 92). Os gritos do engenheiro pareciam penetrar aos ouvidos de Halim: “gritou ladrão tantas vezes que pensei que estivesse se referindo a mim, disse Halim” (HATOUM, 2000, p. 93). O pai sente-se confuso e não sabe dizer o que era pior, a culpa por ter separado os irmãos, ou Omar ter roubado o próprio irmão: “Meu Deus, foi pior” (HATOUM, 2000, p. 93), ele não sabia se havia sido pior a separação dos gêmeos ou o roubo, mas deixava Yaqub exteriorizar tudo o que durante muito tempo estivera engasgado:

Yaqub passou da acusação à cobrança. Não ia sossegar enquanto o irmão não lhe devolvesse os oitocentos e vinte dólares roubados. Uma fortuna! A poupança de um ano de trabalho. Um ano calculando estruturas de casas e edifícios na capital e no interior. Um ano visitando obras. Zana devia conhecer essa história, e aí, sim ela ia entender o verdadeiro caráter do caçulinha dela, o peludinho frágil. Mimem esse crápula até ele acabar com vocês! Vendam a loja e a casa! Vendam a Domingas, vendam tudo para estimular a safadeza dele! (HATOUM, 2000, p. 93)

O filho, que antes havia aceitado tudo sem em nada hesitar, agora estava ali diante do pai cobrando tudo que lhe foi tirado, inclusive queria o dinheiro roubado de um ano de trabalho, a sua raiva é tanta que até os termos usados pela mãe para diferenciá-lo do outro filho querido, como “caçulinha e peludinho” são irônicos, porque não era nada do que eles, os pais, acreditavam. É nesse momento que conhecemos o verdadeiro Yaqub, o irmão, cuja coragem desperta depois de anos submetido às humilhações e rejeições: “ele não parava, não conseguia parar de xingar o filho mimado da minha mulher. Parece que o diabo torce para que a mãe escolha um filho. [...] Yaqub não perdoou os desenhos obscenos que Omar fez nas fotos de casamento” (HATOUM, 2000, p.93), o filho calado agora estava pensando no que fazer para acabar com as brincadeiras do caçulinha da casa.

Na verdade, Yaqub nunca perdoou a agressão do irmão quando ainda eram crianças: “não tinha perdoado o irmão na infância, a cicatriz... Isso nunca tinha saído da cabeça dele. Jurou que um dia ia se vingar” (HATOUM, 2000, p. 93). Yaqub agora se mostra o oposto do que era, do que todos estavam acostumados. Seria isso uma contradição do personagem, ou uma forma de superar a dor acumulada ao longo de sua existência? Essa contradição já estava guardada dentro de Yaqub, a qualquer momento ela se revelaria, pois, segundo Hall (2011, p. 13), “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções”. E

parece ser isso que acontece com o filho que não teve tanta atenção dos pais e o respeito do irmão. Halim, apesar de também não ter tido tanto controle sobre Omar, e este ter se tornado um mal caráter, lhe doía muito mais ver Yaqub transtornado, disposto a se vingar do irmão.

“Pois bem. Deixei o Yaqub terminar. Estava alterado, nunca tinha visto meu filho assim. Depois do desabafo, ele foi murchando, virou mururé fora d’água. Então eu disse: ‘Está bem, vou dar um jeito nisso’. Pensou que eu ia sair atrás do irmão dele, ou que eu ia contar tudo para Zana. Me levantei, voltei para casa, enchi de orquídeas os vasos do quarto, armei a rede e gritei o nome da minha mulher... Filhos! Por Deus, eu tinha que esquecer todas essas porcarias, os oitocentos e vinte dólares, o passaporte, a gravata, as camisas e a droga de Louisiana. Zana entrou no quarto e me viu nu na rede. Me viu e entendeu. Declamei umas palavras do Abbas [...]. Era a senha [...]” (HATOUM, 2000, p.94)

Mais uma vez a mãe sempre é tida como a preferível do filho Caçula, Halim sentia isso, assim como sentia que seu filho mais velho e mais racional acusava e sentia um certo distanciamento de sua mãe, afinal ela sempre fora a favor das malandragens do irmão. Toda essa proteção causou o alvoroço na vida da família libanesa, Zana fora uma mãe sem limites, que por pensar estar fazendo o bem, acabou criando dois filhos como se existisse apenas um. O sentimento de admiração e amor por Omar era tão grande que ela preferia “contemplar o filho numa foto, cercado de mulheres quase nuas, a vê-lo em carne e osso com uma única mulher vestida” (HATOUM, 2000, p. 98). Isso revela o medo da mãe de perder o filho para outra pessoa.

Tudo começou a mudar em relação a Zana e Omar após a morte do Halim, pois ela jamais perdoou o que seu Caçula fez com o pai, já morto. Essa desavença marcaria o encerramento do ciclo de amor e fidelidade para com o Caçula. Ela passa então a repreendê-lo e tratá-lo com frieza e segura, e ordenava que ele desse um rumo à sua vida, pois não teria mais seu pai para sustentá-lo, conforme se observa no excerto abaixo:

Não suportou ver o pai morto em casa, sentado no sofá cinzento, de onde costumava ver o filho embriagado ou grogue de sono na rede vermelha. [...] Omar não entendeu, não queria entender o que acabara de acontecer. Viu no sofá cinzento o único homem que o desonrou com um bofete. Começou a gritar, criança incendiada de ódio ou de algum sentimento parecido com ódio. [...] Omar nos surpreendeu com seu gesto irado, o dedo em riste apontando para o rosto de Halim, para os olhos quase fechados, sem vida, do pai cabisbaixo. (HATOUM, 2000, p.163)

Agora Zana sofre a perda do marido, e se revolta com a atitude do filho que se alegra com a morte do pai. Esse paradoxo é a realidade de que tudo que Omar mais queria era a

morte do próprio pai, pois só assim teria atenção exclusiva da mãe, já que o irmão também não voltaria tão cedo àquela casa. Zana, enquanto esposa e mãe, não aceitaria a cena ousada no leito de morte do seu marido, jamais perdoaria o filho por tamanha afronta, isso não seria esquecido jamais, por isso ela logo tenta dá-lhe um corretivo e se torna uma mulher dura e forte:

Poucas semanas depois do enterro ela repreendeu o filho à queima-roupa. Ele foi pego de surpresa, e escutou palavras que assustam, intimidam. Ele tinha exagerado no trato com o pai morto, a quem dissera coisas de arrepiar. Humilhar o esposo morto, isso Zana não admitia. Na madrugada em que Halim morreu, ela escutara calada o monólogo absurdo do Caçula e não se esquecera do dedo em riste na cara do finado, nem da voz insolente, das palavras infames contra alguém que não podia responder nem com um gesto, nem com um olhar. (HATOUM, 2000, p. 165)

O outro gêmeo de Zana não comparecera ao velório do pai, apenas mandou-lhe uma coroa de flores para ser depositado em seu túmulo, não queria ver o irmão nem tampouco sua mãe, sentia saudades apenas da índia Domingas. A mãe também temia por um possível encontro dos gêmeos, pois isso poderia acarretar um acontecimento decisivo e desagradável na vida de todos. Depois de ter todas as regalias cortadas pela mãe, Omar tenta refazer sua vida: “quando o Caçula não estava por perto, ela mencionava o nome do outro”, mas “sempre disfarçava ao ouvir os passos de Omar na escada” (HATOUM, 2000, p. 169). Zana tinha medo do que podia acontecer se os dois filhos se cruzassem, mas ansiava que os dois viessem a se unir: “ela só pensava nisso, [...]. Não queria morrer vendo os gêmeos se odiarem como inimigos. Não era mãe de Caim e Abel” (HATOUM, 2000, p. 170). Então, em uma tentativa de reparar os danos causados ao outro filho, Zana decide pedir-lhe perdão, sabia que Yaqub não tinha um coração ruim e poderia perdoá-la por todas as faltas e omissões que nortearam a vida da família durante tanto tempo, mas que agora, sem Halim, de quem ela tanto sentia falta, necessitava seguir um novo rumo:

Mais tarde, eu soube do que Omar desconfiava. Zana me pediu que datilografasse uma carta para Yaqub. Trouxe uma máquina de escrever para o meu quarto e começou a ditar o que tinha em mente. Falou do amigo de Omar, um magnata indiano que pretendia construir um hotel em Manaus. Os dois filhos poderiam trabalhar juntos [...]. O seu grande sonho era ver os filhos reconciliados [...]. Assinou o nome em árabe, enviou a carta e passou os dias seguintes remoendo cada linha que havia ditado. (HATOUM, 2000, p. 170-171)

A mãe escreve a Yaqub para tenta reparar seu erro, e tentar uma reconciliação entre os gêmeos, mas o rancor e o ódio já estavam tatuados no coração do engenheiro, que lhe envia a

carta-resposta depois de um mês. É Rânia, a filha caçula, que lhe entrega a carta e, em tom irônico pede para que a mãe leia o que o “filho educado e estudado” respondeu. A resposta de Yaqub foi objetiva e sarcástica: “oxalá seja resolvido com civilidade; se houver violência, será uma cena bíblica”, (HATOUM, 2000, p. 171). Isso bastou para que a mãe entendesse que esse sentimento de ódio entre os filhos não seria cessado nem com o pedido de perdão feito por ela. “A menção a cena bíblica deixou-a mais preocupada”, Zana como toda e boa conhecedora da Bíblia sabe a qual episódio bíblico Yaqub se referia: a cena marcada pela luta incessante e mortal de Caim e Abel, na qual ambos se enfrentaram até que um chegasse a morrer. Mas parece que o encontro entre os irmãos rivais, mais cedo ou mais tarde tinha de acontecer, e a mãe presencia mais uma vez a violência dos filhos que fora, provocada, possivelmente, pelos excessos de cuidados a um, e pela falta de cuidados ao outro:

Então, eu o avistei: mais alto que a cerca, o corpo crescendo, se agigantando, a mão direita fechada que nem martelo, o olhar alucinado no rosto irado. Arfava, apressando o passo. Quando gritei, Omar deu um salto, ergueu a rede e começou a socar Yaqub no rosto, nas costas, no corpo todo. Corri para cima do Caçula, tentando segurá-lo. Ele chutava e esmurrava o irmão, xingando-o de traidor, de covarde. [...] Yaqub se contorcia na rede, não conseguia levantar. O rosto dele inchou, a boca não parava de sangrar, os lábios cheios de estrias e caroços. Ele gemia, apalpando com a mão direita a testa, as costas e os ombros. Eu e dois moradores do cortiço ajudamos a tirá-lo da rede, ele mal conseguia andar. Dois dedos de sua mão esquerda pareciam ganchos, e o corpo, curvado, tremia. (HATOUM, 2000, p. 175)

Yaqub foi hospitalizado para tratar as lesões provocadas por Omar, mas a intriga e a guerra entre os irmãos não cessaram por aí. Inconformado com as agressões do irmão, o engenheiro contra um advogado para usar de todos os artifícios e colocar o agressor na cadeia, lugar para onde ele deveria ter ido desde que lhe roubou o dinheiro e o passaporte para viajar aos EUA. Apesar de quieto, de ter silenciado durante tanto tempo diante do tratamento diferenciado que lhe foi conferido, e a violência do irmão, o caráter ameno de Yaqub é alterado em função dos excessos violentos do “filhinho” querido de Zana. Sobre a construção da identidade, Candau (2011, p. 31), afirma que “os seres humanos não são indivíduos atomizados, criando suas identidades e perseguindo seus objetivos independentemente uns dos outros.” Dito isto, é possível dizer que os indivíduos se reconstróem todos os dias, mas não esquecem do seu alvo, seu foco. Não houve na família de Zana possibilidades de perdão ou de compaixão entre os irmãos Omar e Yaqub. E isso atormentou a vida de Zana até os últimos momentos de sua vida, e pouco antes de morrer pergunta a Nael: “meus filhos fizeram as pazes?” (HATOUM, 2000, p. 10)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os temas que percorrem o romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, chamam atenção pela variedade e complexidade com que o autor estetiza histórias e experiências de dois países marcados por diferenças culturais, políticas e sociais como é o caso do Brasil e do Líbano. Utilizando uma linguagem enxuta, Hatoum desperta a curiosidade do leitor em querer saber o desfecho da arrevesada história de uma família imersa em irremediáveis conflitos, sobretudo no que diz respeito aos filhos gêmeos, que vivem em estado de “guerra” e não há a menor possibilidade de haver harmonia entre eles.

O narrador de *Dois irmãos* é perspicaz e sedutor, pois utiliza de estratégias para envolver o leitor e convidá-lo a fazer parte da rotina da família libanesa. Com isso, somos transportados para a Manaus de outrora em que os personagens parecem palpáveis, os problemas ambientados figuram com objetividade. Todavia, vale lembrar que a história não tem caráter moralizante, a descrição dos personagens, do ambiente e a evolução do drama que envolve a família libanesa, pois há muitas incertezas, perguntas sem respostas. O que nos é revelado pelo narrador solitário em primeira pessoa provoca uma série de questionamentos sobre os membros da família da casa de Halim e Zana, especialmente sobre a identidade do narrador. O tempo da narrativa é o presente, mas este só é possível por causa do passado de todos os membros da casa onde residia Nael, o narrador, isto é, as memórias constituem o fluxo da narrativa.

Podemos dizer que a leitura do referido romance foi de suma importância: primeiro porque nos permitiu conhecer um pouco do autor Milton Hatoum, considerado um dos mais célebres e premiado escritor da literatura brasileira contemporânea; segundo ter o contato com a obra de Hatoum, especialmente o romance *Dois irmãos* nos possibilitou perceber a construção da memória e da experiência pessoal. Foi possível conhecer o resgate da origem do próprio autor quando pensa uma história que envolve imigrantes libaneses no espaço urbano de Manaus.

Dito isto, os principais personagens de romance *Dois irmãos* são de origem libanesa e estão envolvidos em conflitos familiar e com as questões culturais e as desordens da Amazônia e do Oriente. Nesse sentido, é possível perceber uma crítica do autor às esferas econômicas, políticas e culturais que diferencial o Brasil do Oriente e vice-versa. Esperamos, portanto, que este trabalho contribua de algum modo com os estudos literários e que possa despertar para a leitura da obra de Milton Hatoum dentro dos espaços acadêmicos, como também para outros leitores interessados em conhecer a singularidade da obra de Hatoum.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- FREUD, S. (1996). **A dissolução do complexo de Édipo**. In: ____ S. Freud. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 189-199). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924). http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772006000200007 Acesso em 25 de março de 2019.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **Forasteiros, em Desconversa (ensaios críticos)**. Rio de Janeiro, ED: UFCG, 1998.
- GREIMAS, A. J; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões: dos estados de coisas e aos estados de alma**. São Paulo: Ática, 1993.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/arabes/razoes-da-emigracao-arabe.html> Acesso em 13 de fevereiro de 2019.
- KEMEL, Cecília. **Sírios e Libaneses: aspectos da identidade árabe no sul do Brasil**. Santa Cruz do Sul: Edusnic, 2000.
- LUKACS, Georg. **A teoria do Romance: um ensaio histórico – filosófico sob as formas da grande épica**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, v.5, n.10, p. 200-212, 1992.
- MELLO, A. M. L. de. **As faces do duplo na literatura**. In: INDURSKY, Freda; 2000.
- SAID, Edward W. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1997.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

POUBEL, Mayra. **Imigração Libanesa.** Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/imigracao-libanesa-no-brasil/> acesso em 10 de março de 2019.